

Similaridades entre predicados de gosto e modais epistêmicos

Marina Nishimoto Marques
UFSCar

Predicados de gosto pessoal (PGPs) são predicados relacionados ao gosto pessoal do falante, como o adjetivo “gostoso”. Uma das principais questões levantadas pelo uso desses itens é o fenômeno chamado *faultless disagreement*, no qual um falante pode negar diretamente o que o outro fala e, no entanto, ninguém está proferindo algo falso, como no diálogo em (1), que apresenta o PGP ‘gostoso’:

- (1) Tuco: Esse bolo é gostoso.
Bebel: Não, esse bolo não é gostoso.

Lasersohn (2005) relativiza esses predicados a um parâmetro de juiz do contexto cujo gosto servirá para julgar se uma sentença contendo um PGP é verdadeira ou falsa.

Stephenson (2007) estende essa relativização a um juiz proposta por Lasersohn (2005) a outros itens linguísticos, os chamados modais epistêmicos, que ela exemplifica com as palavras ‘*might*’ e ‘*must*’ do inglês. A autora afirma que tanto PGPs quanto modais epistêmicos parecem exigir algum tipo de indivíduo que servirá de juiz para a sentença que contém esses itens. Esse juiz será um indivíduo cujo gosto (no caso dos PGPs) ou conhecimento (no caso dos modais epistêmicos) será levado em consideração para que se julgue a sentença verdadeira ou falsa.

Exemplos de casos em que os PGPs e os modais epistêmicos se comportam de maneira semelhante citados por Stephenson (2007) são: (i) quando encaixados em relatos de atitude (cf. (2)) e (ii) num diálogo em que um participante do diálogo nega diretamente o que o outro diz, como em (3), os modais epistêmicos também geram *faultless disagreement*.

- (2) a. Sam thinks it might be raining.
b. Sam thinks the dip is tasty.
- (3) Mary: Where’s Bill?
Sam: I’m not sure. He might be in his office.
Sue: No, he can’t be. He never works on Fridays.

Em (2), podemos ver que tanto PGPs (cf. (2b)) quanto modais epistêmicos (cf. (2a)) têm seu juiz explicitado quando encaixados em relatos de atitude — no caso dos

exemplos, Sam. Já em (3), de forma similar ao que ocorre no diálogo (1), embora Sue discorde de Sam, ela não pode estar discordando do estado mental que ele expressa, mas sim do conteúdo encaixado no modal epistêmico. Nesse caso, não são os gostos diferentes que fazem com que haja o *faultless disagreement*, mas os estados de conhecimento diferentes.

A abordagem do juiz é criticada por Pearson (2012), que aponta diversos problemas encontrados principalmente no trabalho de Stephenson (2007), e propõe uma abordagem que, embora também relativize as sentenças contendo PGPs, não lança mão da estratégia da adição do juiz para resolver as questões trazidas por esses predicados. A proposta sem juiz de Pearson (2012) também assume que predicados de gosto têm leituras genéricas — i.e. quando alguém diz “Esse filme é divertido”, essa pessoa quer dizer, grosso modo, “Esse filme é divertido para as pessoas no geral”.

O objetivo deste trabalho seria, então, investigar se a proposta de Pearson (2012) consegue dar conta também dos modais epistêmicos, e, com isso, verificar se intuição de Stephenson (2007) de que predicados de gosto pessoal podem ser tratados paralelamente aos modais epistêmicos se mantém ainda que se mude o modo como esses itens são semanticamente computados. Dizer que a teoria de Pearson (2012) se aplica aos modais epistêmicos é dizer que estes funcionam de modo similar aos PGPs, ou seja, que também podem levantar leituras genéricas e fazer proposições sobre o conhecimento das pessoas em geral.

A estrutura e a interpretação da sentença *This cake is tasty* é apresentada por Pearson (2012) como em (4):

- (4) a. $[\text{This cake}_i [\text{GEN } [t_i \text{ is tasty } \lambda x . I(\text{speaker}, x)]]]$
 b. $\forall x, w' [\text{Acc}(w, w') \ \& \ C3(\text{esse bolo}, x, w') \ \& \ I(\text{falante}, x)]$
 $[\text{gostoso}(\text{esse bolo}, x, w')]$

Ou seja, para qualquer mundo w' e qualquer indivíduo x , sendo que (i) w' é acessível de w , (ii) esse bolo e x são indivíduos relevantes no mundo w' e (iii) o falante se identifica com o indivíduo x , então esse bolo é gostoso para x em w' .

A mesma fórmula para o modal epistêmico ‘*might*’ ficaria da seguinte forma:

- (5) a. $[\text{It}_i [\text{GEN } [t_i \text{ might } [\text{be raining } \lambda x . I(\text{falante}, x)]]]]$
 b. $\forall x \exists w' [\text{Acc}(w, w') \ \& \ C(x, w') \ \& \ I(\text{falante}, x)]$
 $[\text{might}(\text{chover}, \text{para } x) \text{ em } w']$

Ou seja, para qualquer indivíduo x , existe pelo menos um w' , sendo que (i) w' é acessível de w , (ii) x é relevante no mundo w' e (iii) o falante se identifica com o indivíduo x , então pode estar chovendo para x (i.e. é compatível com o conhecimento de x) em w' .

Dessa forma, o operador GEN amarra o modal *might*, e quando alguém profere a sentença em (6), ela está generalizando seu conhecimento para as pessoas com quem

há identificação. Quando um participante do diálogo discorda do que foi afirmado (como Sue em (3)), esse indivíduo não estaria, então, discordando do estado mental expressado pelo falante, mas sim se excluindo do conjunto de pessoas com quem ele se identifica se identifica.

REFERÊNCIAS

LASERSOHN, P. (2005) Context dependence, disagreement, and predicates of personal taste. *Linguistics and Philosophy* 28 (6): 643-686.

PEARSON, H. (2012) A judge-free semantics for predicates of personal taste. *Journal of Semantics* 30 (1):

STEPHENSON, T. (2007) Towards a theory of subjective meaning. 212f. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.